



UMA TRADUÇÃO DE ROMANOS 1 COM COMENTÁRIOS TEMÁTICOS

(A translation of Romans 1 with thematic commentaries)

Aislan Fernandes Pereira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: aislanfp@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma tradução, do grego, do capítulo primeiro da carta de Paulo, aos romanos, a partir do texto crítico de *Westcott e Hort*, de 1885, com uma significativa divergência, em relação às versões, em inglês, *King James* e NIV¹, em português, ACRF², ARIB³, Católica, NVI⁴ e Bíblia de Estudo de Genebra, e, em alemão, *Luther*. As razões dessa tradução estão comentadas em diversos temas, agrupados em quatro partes: Romanos 1:1-7, Romanos 1:8-14, Romanos 1:15-23 e Romanos 1:24-32. Esse comentário é baseado numa breve contribuição do pensamento grego, do contexto de Habacuque, e numa interpretação tematicamente mais coesa que a apresentada pelo comentário de William Hendriksen. Esses temas, por sua vez, envolvem desde questões tradicionais, já bem conhecidas, como o serviço apostólico de Paulo, o nascimento de Jesus, bem como seu senhorio e filiação divina “em poder”, após a ressurreição, assim como a ideia do justo que vive pela fé, a justiça, a ira e a glória de Deus, assim como “novos” temas envolvendo a etnia cristã, o “batismo” final de Jesus, o conhecimento comum, a capacidade eterna, a atividade divina e a concessão de Deus, entre outros.

Palavras-chave: Romanos; Tradução; Comentário.

ABSTRACT

This paper presents a translation, from the Paul's letter, chapter one, to the Romans, from the critical text of Westcott and Hort, 1885, with a significant divergence, related to other versions, like in English, King James and NIV, in Portuguese, ACRF⁵, ARIB⁶, Catholic, NVI⁷ e Study Bible of Geneva, and in German, Luther. The reasons for this translation are commented on several themes, grouped into four parts: Romans 1:1-7, Romans 1:8-14, Romans 1:15-23 e Romans 1:24-32. This comment is based on a brief contribution from Greek thought, from the context of Habakkuk, and on a thematically more cohesive interpretation than that presented by William Hendriksen's commentary. These themes, in turn, involve traditional issues, such as Paul's apostolic service, the birth of Jesus, as well as his lordship and divine sonship "in power", after the resurrection, as the idea of the righteous who lives by faith, the primacy of the Jews over the Greeks, justice, anger and glory of God, as well as "new" themes involving the Christian ethnicity, Jesus' final baptism, common knowledge, eternal ability, activity Divine and the concession of God, among others.

Keywords: Romans; Translation; Commentary

¹ *New International Version*.

² Almeida Corrigida e Revisada Fiel.

³ Almeida Revisada Imprensa Bíblica.

⁴ Nova Versão Internacional.

⁵ Almeida Corrigida e Revisada Fiel.

⁶ Almeida Revisada Imprensa Bíblica.

⁷ Nova Versão Internacional.



INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo de Romanos é uma apresentação dos assuntos que serão desenvolvidos ao longo dos outros capítulos, especialmente sob o tema principal da justiça de Deus. Se o leitor perde de vista o norte principal desses assuntos, o caminho para uma melhor compreensão claramente se torna mais difícil, especialmente quando não se trata de um texto da língua materna, bem distante culturalmente. E ainda se torna mais crítico, quando é um texto de renovação, dos assuntos iniciados em outro texto, mais distante ainda no tempo, a saber de Habacuque. Desse modo, buscando suprir essas e outras preocupações relacionadas, este trabalho apresenta uma tradução, do grego, do capítulo um, da carta de Paulo, aos romanos, a partir do texto crítico de *Westcott e Hort*, de 1885. A tradução aqui, no entanto, contém uma significativa divergência, em relação às versões, em inglês, *King James* e NIV⁸, em português, ACRF⁹, ARIB¹⁰, Católica, NVI¹¹ e Bíblia de Estudo de Genebra, e, em alemão, *Luther*. As razões dessa tradução estão comentadas em diversos temas, agrupados em quatro partes: Romanos 1:1-7, Romanos 1:8-14, Romanos 1:15-23 e Romanos 1:24-32. A maior parte desses comentários é baseada numa breve contribuição do pensamento grego¹², do contexto de Habacuque, e numa interpretação tematicamente mais coesa que a apresentada pelo comentário de William Hendriksen, não necessariamente discordando em tudo. Esses temas, por sua vez, envolvem desde questões tradicionais, já bem conhecidas, como o serviço apostólico de Paulo, o nascimento de Jesus, bem como seu senhorio e filiação divina “em poder”, após a ressurreição, assim como a ideia do justo que vive pela fé, a justiça, a ira e a glória de Deus, assim como “novos” temas envolvendo a etnia cristã, o “batismo” final de Jesus, o conhecimento comum, a capacidade eterna, a atividade divina e a concessão de Deus, entre outros.

Em todo texto traduzido, trechos enfatizados em negrito, geralmente comentados, refletem certa divergência, ao que é comumente adotado pelas outras versões. Já o que se encontra entre parênteses representa um complemento não presente no original, para melhor fluidez de entendimento.

Romanos 1:1-7

[1] Paulo, **instrumento vivo** de Cristo Jesus, apóstolo **por vocação**, tendo sido separado de uma vez para o evangelho de Deus, [2] o qual prometeu antes, através de seus profetas, nas escrituras sagradas. [3] A respeito de seu filho, o qual **nasceu por meio** (do mesmo modelo) **de organismo humano**, a partir de um descendente de Davi, [4] (mas) foi **batizado de “filho de Deus em poder”**, **por causa do** (seu viver em) **espírito de santidade, ao levantar** dos mortos, (a saber) de Jesus Cristo, senhor para nós **principalmente**, [5] por quem recebemos graça e apostolado, para **obediência de fé**, (como uma etnia) **entre todas as etnias**, em função do seu nome. [6] Entre essas (etnias), vós sois também de Jesus Cristo **por vocação**. [7] A todos os que são de Roma, **quanto** aos amados de

⁸ *New International Version*.

⁹ Almeida Corrigida e Revisada Fiel.

¹⁰ Almeida Revisada Imprensa Bíblica.

¹¹ Nova Versão Internacional.

¹² Principalmente auxiliado pela ferramenta digital online do ().



Deus, **santos por vocação**, graça e paz da parte de Deus nosso pai e (também) do senhor Jesus Cristo.

1. INSTRUMENTO VIVO (*DOULOS*)

A rigor a tradução para a palavra *doulos*¹³ (*δοῦλος*) seria “escravo”, mas muitos tradutores optam por “servo”. A razão disso geralmente está envolvida com uma conotação negativa de injustiça, como uma espécie de submissão violenta e forçada. Desse modo, a fim de suavizar esse problema, “servo” teria uma conotação mais positiva, relacionada com uma espécie de submissão voluntária¹⁴. Contudo há um aspecto essencial na ideia de escravo, que acaba sendo ou descartada ou distanciada com essa solução: a ideia de instrumento. Em seu contexto grego, quase 300 a.C. antes, havia este entendimento: “o escravo é uma ferramenta viva tal como uma ferramenta é um escravo sem vida. (...) Portanto, não pode haver amizade com um escravo enquanto escravo, embora possa haver com ele enquanto ser humano”¹⁵. Enquanto escravo, “nada possuem em comum”¹⁶, por outro lado, enquanto humano, a ideia de instrumento não ofusca a possibilidade de amizade, na relação senhor-escravo, nem em outros tipos relações, em que uma parte implica certa superioridade sobre a outra: “a amizade entre pai e filho e, geralmente, entre pessoa mais velha e pessoa mais jovem, aquela entre marido e mulher e aquela entre a pessoa que manda e a que obedece”¹⁷. E a relação enquanto instrumento não exclui outras relações, enquanto ser humano, como é o caso, nessa passagem, da relação pai-filho com Deus, no versículo 7, já que “os pais amam seus filhos como partes de si mesmos, ao passo que os filhos amam seus pais como a fonte de sua existência”¹⁸.

2. APÓSTOLO POR VOCAÇÃO (*KLETOS APOSTOLOS*)

Uma tradução literal para *kletos apostolos* (*κλητὸς ἀπόστολος*) é “um apóstolo chamado”¹⁹, em vez de “chamado para (ser) apóstolo”, como geralmente é adotado. O problema dessa adoção é que passa uma ideia de convite ou preceito, que não se aproxima do original, já que *kletos* como adjetivo, traduzido para “chamado”, está qualificando o substantivo *apostolos*. A ideia, na verdade, que está implícita é de algo que adquiriu uma nova posição de forma atípica, isto é, como se estivesse dizendo algo assim: “um apóstolo como é chamado”, “como é conhecido” ou “como passou a ser chamado por causa de suas ações”. Inclusive a forma substantivada de *kletos* (*klesis*) permite traduções como “vocação”, “posição” ou “status na vida”²⁰. Desse modo, uma tradução plausível, nesse contexto, seria “por vocação” ou “vacionado”, em oposição a um modo típico. E o fato de comunidades cristãs e outros

¹³ Esta palavra está no estilo grego de transcrição, preferido neste trabalho, mas algumas palavras também aparecem com o estilo latino.

¹⁴ Exatamente essa preocupação aparece em Hendriksen (2011, p. 52), e reforça a tradução por “servo”, com base em algumas passagens do Antigo Testamento, nos quais se emprega “servo de Jeová”. Entretanto, no hebraico, a palavra *ebed*, traduzida para “servo”, nesses casos, também aceita “escravo” (STRONG, 2004).

¹⁵ (ARISTÓTELES, 384 a.C.), livro VIII, 1161b1-8.

¹⁶ *Ibidem*, livro VIII, 1161b1-5.

¹⁷ *Ibidem*, livro VIII, 1158b10-15.

¹⁸ *Ibidem*, livro VIII, 1161b17-20.

¹⁹ É exatamente o que adota Hendriksen (2011, p. 55), que critica traduções como “chamado para ser apóstolo”.

²⁰ (GINGRICH, 1993, p. 117).



apóstolos terem deliberado a respeito do apostolado de Paulo²¹ é uma forte evidência dessa qualificação.

3. NASCEU (*GENOMENOU*) POR MEIO DE ORGANISMO HUMANO (*KATA SARKA*)

A rigor a tradução para *genomenou* (*γενομένου*) seria “foi gerado” ou “nasceu”, enquanto *kata sarka* (*κατὰ σάρκα*) seria “por meio da carne”. No entanto, alguns tradutores até omitem a tradução de *genomenou*, e geralmente para *kata sarka* adotam “segundo a carne”. Essas soluções estão relacionadas com os problemas em torno da divindade de Jesus e de sua encarnação. O fato é que há uma grande variação nesse trecho, devido a essas dificuldades. Tal ideia, de uma divindade-humana, contudo, não era estranha à época, de religiões politeístas, com deuses e semideuses, nem a de um humano tornado divino em sua morte. Não é sem motivo, desse modo, a dedicação de parte da literatura cristã primitiva, após os apóstolos, em diferenciar a divindade de Jesus de outras divindades²². E também se evitava a ideia de Jesus como criatura, mas a ideia de criação é uma grande herança da filosofia medieval²³, pois, na antiguidade grega, para a origem das coisas ou dos seres vivos, era utilizada a ideia de geração. Entretanto é possível caminhar por uma solução mais simples que a via propriamente filosófica. Primeiro, o uso comum do verbo *gignomai*, conjugado em *genomenou*, era utilizado como uma ligação não-imediata entre dois termos²⁴. Nesse caso, Jesus está ligado *kata sarka*, de um modo não-imediato, em seu nascimento, a partir de um descendente de Davi²⁵. De fato, a preposição traduzida para “a partir de” (*ek*, anterior a um genitivo), em “a partir de um descendente de Davi”, aponta para um determinado momento ou ponto de partida (de um descendente de Davi), não necessariamente uma causa imediata ou suficiente, enquanto a preposição, traduzida para “por meio de” (*kata*, anterior a um acusativo), aponta para uma certa contribuição. E como essa contribuição não era imediata, então era possível conciliar o nascimento a partir de um descendente de Davi, não necessariamente como genitor direto. De fato, havia implicitamente um conflito com o pensamento “científico” da época em embriologia, de que o pai era o genitor imediato,

²¹ Conferir também Atos 1:24 e Gálatas 2:7-9.

²² É nessa época do início da Idade Média, conhecida como Patrística, que se faz muita defesa da divindade de Jesus, como Tertuliano que analisa a divindade de Cristo, com maior cuidado no capítulo XXI, usando inclusive de conceitos, próprios da antiguidade grega, para diferenciá-lo das divindades das outras religiões, quanto à natureza de seu nascimento (VIDAL e PASQUOTTO, 2001). Assim, denomina Cristo como “Filho de Deus”, não porque fruto da relação de dois seres, de substâncias distintas, como era conhecido entre as cosmogonias da “grande antiguidade”, especialmente a de (HESÍODO, 1995), mas apenas de origem paterna, no sentido de “Deus que apareceu entre nós”, nem “nascido entre nós”, nem criado, nem de uma divisão de substância, por isso sua analogia, de que Cristo é o raio, e Deus é o sol, como uma espécie de extensão, pois “os dois são um só”. Tertuliano também analisa, no capítulo XI, a acusação por alguns de que Jesus foi tornado divino após a sua morte, semelhante ao que aconteceu a outros homens bem conhecidos (VIDAL e PASQUOTTO, 2001).

²³ O debate em torno (do sentido) da criação do mundo envolve vários filósofos da Idade Média.

²⁴ Baseado em comentário de (ANGIONI, 2011), sobre (ARISTÓTELES, 384 a.C.), 1142a12-13.

²⁵ Este era exatamente o ponto do reformador Menno Simons (GEORGE, 1993, p. 281), de que Jesus foi apenas nutrido no ventre de Maria, sem ter recebido dela, sua humanidade, mas não deixando de ser menos humano por isso (vide nota 26).



enquanto a mãe era a fonte nutricional²⁶, por isso a importância da intervenção angelical a Maria e José²⁷. E como tal pensamento da época poderia dá a entender que Jesus não fosse humano ou fosse uma aparência, havia exatamente a preocupação, dos apóstolos, em alertar explicitamente que, de alguma maneira, havia a mesma humanidade efetiva em Jesus. João, por exemplo, usava a fórmula “veio em carne” (1 João 4:2,3)²⁸.

Para diferentes épocas, cada mentalidade tinha uma possibilidade própria de encarar o problema dessa efetiva humanidade. Basicamente na perspectiva medieval, da ideia de criação, era comum pensar em algo “ganhando corpo” a partir de uma ideia da mente, como a de um projeto de esfera metálica, que “ganha corpo” ao se “unir” a uma porção de metal. Semelhantemente um espírito poderia adquirir seu corpo a partir da contribuição de uma certa carne, porém espírito não é carne e mente não é corpo, logo não há um semelhante gerando um semelhante. Já da perspectiva antiga, da ideia de geração, próxima ao contexto cultural do apóstolo, a mentalidade comum era a contribuição direta de um corpo na formação de outro corpo, como o da lagarta em borboleta, dos pais para os filhos, porque só o semelhante gera um semelhante. No entanto, na mentalidade atual, com um conhecimento biológico mais apurado, do comportamento fisiológico programado conforme o código genético, é mais fácil explicar a possibilidade de um mesmo modelo efetivo de organismo humano, sem a intervenção do ventre de uma fêmea²⁹. Logo o complemento “do mesmo modelo” é bem adequado nesse contexto, e ressalta bem um problema que estava implícito entre os apóstolos e o pensamento “científico” da época.

4. BATIZADO DE “FILHO DE DEUS EM PODER” (*HORISTHENTOS HUIOU THEOU EN DYNAMEI*³⁰)

Para a oração *horisthentos Huiou Theou en dnamei* (ὀρισθέντος υἱοῦ θεοῦ ἐν δυνάμει), as traduções geralmente trazem “declarado filho de Deus com/em poder”, no entanto é possível precisar melhor essa afirmação, com uma imagem de batismo, implícita no versículo, por dois motivos. Primeiro, por causa da imersão numa vida perfeita de santidade³¹ e na emersão ao

²⁶ Essa crença era dominante, e persistiu por muito tempo. Em meados do século XVIII, havia a teoria científica do preformismo, em que se acreditava que “o espermatozoide tinha uma miniatura do ser humano” (MONTANARI, 2013). Menno Simons, um dos principais nomes da Reforma Protestante, como “líder mais importante do ramo anabatista da reforma radical” (GEORGE, 1993, p. 254), fortaleceu sua doutrina da encarnação, em meados de 1544, com a teoria fisiológica corrente da época. Segundo essa teoria, “igualmente partilhada por médicos e filósofos”, “a mulher era um elemento completamente passivo na geração da descendência”, isto é, “a semente masculina era a origem na natureza do recém-nascido, que era apenas nutrido e dado à luz pela mãe” (GEORGE, 1993, p. 281).

²⁷ Mateus 1:18: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Que estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo” (ACRF).

²⁸ “Nisto reconheci uma pessoa de Deus (ao profetizar): (quando) toda pessoa concordando que *Cristo Jesus veio em carne*, (então) é (uma pessoa) de Deus, e toda pessoa não concordando (então) não é de Deus”, tradução minha de (WESTCOTT e HORT, 1885): *Ἐν τούτῳ γινώσκετε τὸ πνεῦμα τοῦ θεοῦ: πᾶν πνεῦμα ὃ ὁμολογεῖ Ἰησοῦν Χριστὸν ἐν σαρκὶ ἐληλυθότα ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστίν, καὶ πᾶν πνεῦμα ὃ μὴ ὁμολογεῖ τὸν Ἰησοῦν ἐκ τοῦ θεοῦ οὐκ ἔστιν.*

²⁹ Menno Simons não tinha isso a seu favor, e foi duramente criticado por outros reformadores (GEORGE, 1993, p. 281-282).

³⁰ Preferência aqui nesta palavra pelo estilo latino de transcrição, por causa da semelhança sonora com “dinâmica”.

³¹ E não “Espírito de santidade”, conforme comentário seguinte.



retornar dos mortos. Como “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23), e Jesus não pecou, então ao se “batizar” finalmente em sua morte, não retornou mais como antes, porém melhor. Por isso, a qualificação “em poder”, o qual indica que a humanidade anterior seria “sem poder” ou fraca, quando comparadas³². Segundo, a tradução por “declarado” só seria adequada se captasse o sentido de “denominado”, “designado” ou “definido”, mais próximo do sentido original. Assim essa imagem traduzida de batismo se harmoniza melhor tanto com sua razão (uma vida perfeita de santidade) como com seu momento³³ (ao ressuscitar dos mortos). Aliás, a ideia de “filho de Deus com poder” pode estar relacionada com o senhorio de Jesus, já que a expressão “senhor para nós principalmente” aparece logo em seguida. Aliás, há um fundo histórico importante aqui, em torno do “para nós”, em relação ao problema dos cristãos romanos com o tratamento de “Senhor” ao Imperador³⁴.

5. POR CAUSA DO ESPÍRITO DE SANTIDADE (*KATA PNEUMA HAGIOSUNES*)

Em geral, para *kata pneuma hagiosunes* (κατὰ πνεῦμα ἁγιωσύνης), as traduções colocam “por causa do Espírito de santidade/santificação”, especialmente focando na pessoa do Espírito Santo³⁵. No entanto, era comum utilizar a palavra “espírito” para indicar um modo ou aspecto da vida, quando se dizia, por exemplo, que alguém tinha o “espírito forte” ou “espírito de força”, não necessariamente por haver um ser espiritual, dando força. Por outro lado, na antiguidade grega, havia a crença de que algumas pessoas possuíam certas virtudes ou vícios, em função de um *daimon*³⁶. No entanto, mesmo nesse contexto, não se deixava de usar “espírito” também como um traço de personalidade ou modo de vivência. Nesse sentido, em função do “batismo” numa humanidade superior, anteriormente comentado, foi adotada tal tradução. Além disso, a palavra *pneuma*, traduzida como “espírito”, não começa com maiúsculo, da mesma forma como acontece com as palavras traduzidas para “Deus” e “Jesus”, nessa mesma passagem.

³² Na versão alemã, nem a nova condição de filho de Deus aparece, porque “em poder” (“*kräftiglich*”) é atribuído à ação “*erweiset*” (provado ou demonstrado).

³³ A tradução da preposição grega *ex* para “ao”, com sentido de “a partir de” ou “desde”, é considerada correta para Hendriksen (2011, p. 57), no entanto o autor considera mais natural a tradução “por causa de”, tomando como exemplo Apocalipse 16:10 (“remordiam suas línguas por causa da dor”). No entanto, esse sentido de origem, do qual poderia se traduzir por “causa”, está relacionada com a ideia de momento, e não de uma causa material. Na passagem citada de Apocalipse a causa é descrita nos versículos anteriores (“as sete taças da ira de Deus”), tornando o fato da dor um momento consequente em direção a outro momento eventual (“remordiam suas línguas”). É preciso perceber a diferença entre momentos e causas.

³⁴ Tertuliano, em seu capítulo XXXIV, explica as razões da acusação contra os cristãos, como traidores do Imperador, por não o adorarem nem o chamarem de “Senhor”, no sentido divino, mas comum de tratamento, porém procura inverter a situação dos cristãos, como mais próximos ao Imperador do que os próprios romanos (VIDAL e PASQUOTTO, 2001).

³⁵ Hendriksen (2011, p. 57) entende que “espírito” se trata do Espírito Santo, tomando como justificativa duas passagens: Isaias 63:10 e Salmos 51:11. Mas essas passagens também podem referenciar a espiritualidade santa de Deus. Além disso, não estão formuladas na mesma estrutural gramatical de Romanos, com a preposição *kata*, seguida de *pneuma*.

³⁶ No caso da palavra *eudaimon* (εὐδαιμων), comumente traduzida para feliz, havia um sentido de “tomado por um bom *daimon*”.



6. ETNIA DE JESUS E SANTOS *POR VOCAÇÃO (KLETOIS)*

Semelhante ao comentário anterior de *kletos*, *kletois* (κλητοῖς) a rigor seria “chamados”, mas geralmente as traduções colocam “chamados para (ser)”. O problema aqui é semelhante ao que ocorreu com “apóstolo por vocação”, por conseguinte a solução não é diferente³⁷. Em ambos os casos, há um contexto de identificação atípica. Nesse caso, os elementos identificados são a santidade e a etnia³⁸ dos cristãos de Roma – essa escolha por “etnia” tem a intenção de captar o sentido mais vivo ou cultural de um povo ou nação. A graça e apostolado, que essa etnia recebe, podem ser tomados como seus elementos³⁹ identificadores fundamentais. De fato, essa etnia não é reconhecida pelos outros, por haver, por exemplo, alguma instituição civil ou eclesiástica estabelecida, nem os que dele fazem parte não são santos ou consagrados, por alguma autoridade religiosa – pelo contrário, houve muita resistência por parte de diversos grupos e autoridades. Nesse contexto, logo, não se pode falar de uma obediência típica civil-religiosa, mesmo porque, havia entre eles de fato diferentes etnias típicas, como romanos, gregos e judeus.

Romanos 1:8-14

[8] Agradeço primeiro a meu Deus, por meio de Jesus Cristo, a respeito de todos vós, de que a vossa fé é anunciada **em todas as partes da ordem** (romana), [9] pois Deus é minha testemunha, (a quem **sirvo com (oferecendo) meu viver** (como instrumento vivo), segundo o evangelho do seu filho), de como incessantemente faço menção de vós, [10] em todo tempo, em minhas orações, implorando se agora me será dada (a ocasião), pela vontade de Deus, (de) ir até vós, em algum momento, [11] pois desejo ver-vos, de modo que possa compartilhar com vós algum **agrado** espiritual, para o vosso fortalecimento, [12] mas que é (para) ser confortado juntamente com vós, por meio da fé mútua, vossa e minha. [13] Irmãos, não tenho por finalidade que desconheçam como, muitas vezes, tive o propósito de ir até vós, (mas fui impedido, até mesmo daqui), de modo que (além de compartilhar) também pudesse obter algum fruto, do meio de vós, do modo como também (ocorre) em outras **etnias**⁴⁰, (pois) [14] sou devedor **a helenos** (que vivem na ordem romana) **e também a bárbaros** (que vivem fora da ordem), a sábios e também **não-pensadores**.

³⁷ Hendriksen (2011, p. 63-5) entende que se trata de uma vocação eficaz, e critica as traduções que adotam “chamado(s) para ser(em)”.

³⁸ A palavra “etnia” vem do grego *ethnos*, que se encontra no versículo cinco, como o dativo *ethnesin* (ἔθνεσιν).

³⁹ É claramente distinto o elemento da graça do elemento do apostolado. O primeiro pode revelar um conteúdo ou a razão, pelas quais seus membros estão unidos, enquanto o segundo pode apontar para seus principais representantes. Hendriksen (2011, p. 61) traduz por “graça do apostolado”, pois acredita que aqui haveria uma hendiades, de modo que o verbo traduzido por “recebemos” seria um plural literário ou do escritor, aplicado apenas a Paulo, e “graça” seria o ministério do apóstolo.

⁴⁰ Conferir comentário, do parágrafo anterior, em “ETNIA DE JESUS E SANTOS *POR VOCAÇÃO (KLETOIS)*”.



7. EM TODAS AS PARTES DA ORDEM (*EN HOLO TO KOSMO*)

Geralmente, para *en holo to kosmo* (*ἐν ὅλῳ τῷ κόσμῳ*), as traduções apresentam “em todo mundo”, quando a rigor seria “em toda ordem”. Há dois problemas aqui. Um, que já pode causar uma certa estranheza, de que a fé dos cristãos romanos era conhecida, de tal modo, que se poderia considerar encerrada a missão de evangelizar outros povos, por isso alguns entendem ser um “mundo figurado”⁴¹. E outro, é que na atualidade se pensa “mundo” ou *kosmos* (*κόσμος*) em imensidão ou totalidade⁴² e não em organização. Aliás, *kosmos* tinha um sentido político, nas origens do pensamento grego, na concepção da ideia de cidade, “um conjunto organizado, um *cosmos*, que se torna harmonioso se cada um de seus componentes está em seu lugar e possui a porção de poder que lhe cabe em função de sua virtude”⁴³. Também tal ideia estava presente em teogonias antigas, para explicar as “forças” da natureza, por meio da soberania das divindades⁴⁴. Assim, *kosmos* tem a ideia de uma ordem ou organização, que pressupõe uma soberania. Por isso, nesse contexto, o homem se dizia ser um microcosmo (*anthropos micros kosmos*), isto é, uma ordem cujas partes do corpo são coordenadas pela mente ou coração. Desse modo, ordem se aplica a um conjunto organizado de pessoas ou de coisas. Aliás, cosmologia é basicamente um estudo para entender as razões que “comandam” as mudanças no universo.

A ideia de ordem está intimamente ligada com a ideia de civilização. Por exemplo, quando se diz “civilização ocidental”, excluem-se normalmente povos nativos, como certos índios. Então se alguém diz que um certo acontecimento nos EUA foi conhecido por todo mundo, está implícita uma referência à ordem ou civilização ocidental. Nesse contexto, a tradução de *Hellesin te kai Barbarois* (*Ἑλλῆσιν τε καὶ βαρβάρους*) por “a helenos como a bárbaros” ou “a gregos como a bárbaros” recebe os devidos complementos, “que vivem na ordem romana” e “que vivem fora da ordem”, para uma maior claridade do que se quer dizer. Semelhantemente ocorre com *anoetoi*, traduzida para “não-pensadores”, uma oposição não-contraditória a “*sophoi*” (sábios), seguida pela *King James*, com “*unwise*” (não-sábios), pela *Luther*, com “*Unweisen*” (não-sábios), e pela Católica, com “simples” (talvez o sentido mais próximo).

8. SIRVO COM MEU VIVER (*LATREUO EM TO PNEUMATI MOU*)

As traduções em geral colocam “sirvo em meu espírito” para *latreuo em to pneumatí mou* (*λατρεύω ἐν τῷ πνεύματί μου*), como se estivesse falando em devoção sincera do coração⁴⁵. No entanto, o verbo *latreuo*, traduzido para “sirvo”, tem o sentido de trabalhar, oferecendo

⁴¹ Hendriksen (2011, p. 68) entende que se fala aqui de um mundo figurado ou conhecido por Paulo, sem qualquer menção a ideia de ordem.

⁴² Para totalidade há outra palavra mais adequada: *pan* (*πᾶς, πᾶσα, πᾶν*).

⁴³ (VERNANT, 2002, p. 98).

⁴⁴ Os “físicos” jônicos, pré-socráticos da antiga Grécia, adotaram a ideia de “forças” ativas e animadoras no lugar de deuses individualizados (VERNANT, 2002, p. 112), porém antes ou depois deles ainda se mantinha o mesmo sentido de cosmos, como a organização soberana da *physis*.

⁴⁵ Essa ideia de sinceridade, popularizada por João Calvino, teólogo da Reforma Protestante, é utilizada por Hendriksen (2011, p. 69).



algo para obter algo, assim como na antiguidade se servia aos deuses com sacrifícios e orações (oferecendo-os). Nesse caso, Paulo serve a Deus com seu viver (oferecendo-o), razão pela qual se dedica completamente como instrumento vivo de Jesus no apostolado.

Romanos 1:15-23

[15] **Apesar disso tudo**, (não fico desmotivado mas) **prontamente motivado** a anunciar (o evangelho) para vós, os de Roma, [16] pois não me envergonho do evangelho (não ter sido anunciado assim como eu queria), pois é a **capacidade de Deus** (não de apóstolo) para salvação, de todo aquele que **exerce a fé**⁴⁶, **tanto judeus primeiro como gregos**, [17] pois nele (no evangelho) a justiça de Deus é revelada, a partir da fé para a fé, do modo como está escrito (em Habacuque 2:4): “o justo viverá a partir da fé”⁴⁷. [18] Pois a **adequada aplicação da justiça de Deus** é revelada do céu, (não da terra, pelos homens), sobre toda impiedade e injustiça dos homens, dos que tomam para si a verdade em injustiça, [19] porque **o conhecimento comum de Deus é evidenciado** neles, pois Deus **deixou evidências** para eles, [20] pois as coisas invisíveis de Deus, (a saber) sua **capacidade eterna e sua atividade divina, desde a ordem fundamental às coisas formadas**, que são (assim) percebidas **por inferência**, são (assim) **evidenciadas**, para que esses homens sejam indefensáveis, [21] porque uma vez que tiveram (tais) **evidências** de Deus, não glorificaram nem agradeceram (a Deus) **como Deus** (por essas formações), porém de outro modo⁴⁸ se anularam em seus discursos, **isto é**, o coração deles **sem** (fazer) **síntese** (das evidências) se escureceu, [22] (enquanto) professando serem sábios, fizeram-se de tolos, [23] e trocaram a glória de Deus imortal (como eterno planejador e executor divino dessas formações) em semelhança da **imagem de mortal** (como) de homem e (outros tipos de animais como) de **voadores** e de quadrúpedes e de **rastejadores**.

9. CAPACIDADE DE DEUS PARA SALVAÇÃO (*DYNAMIS THEOU EIS SOTERIAN*)

A tradução de *houtos* (*οὗτος*) por “Apesar disso tudo” também comporta “Ainda assim” ou “Assim”, porém a primeira opção é melhor porque conecta o contraste entre o problema relatado na parte anterior da passagem e o sentimento contrário ao esperado por causa disso em seguida. Paulo desejava fortemente visitar os romanos para anunciar o evangelho em Roma, além de compartilhar e receber certos dons da graça, contudo foi impedido. Esse impedimento poderia gerar uma certa decepção ao evangelista, pelo olhar de outros, no

⁴⁶ Sigo a tradução de (HENDRIKSEN, 2011, p. 80), pelo mesmo motivo, de harmonizar com o substantivo “fé” no versículo seguinte.

⁴⁷ Mesma frase original presente na Septuaginta ou Versão dos Setenta (LXX).

⁴⁸ Preferência de “*alla*” (*ἀλλὰ*) por “porém de outro modo” em vez de “mas”, conforme (JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS, 2014, p. 395).



entanto o apóstolo informa que se encontra num estado bem diferente: “prontamente motivado”. E a razão desse inesperado sentimento é descrito em seguida, quando fala da capacidade de Deus para salvação.

Para a palavra *dynamis*, em vez da tradução comum de “força” ou “poder”, foi adotada “capacidade”, porque a intenção é transmitir, não a ideia de algo manifesto ou atuante, mas de algo “capaz de”. Por exemplo, um homem mais forte, possui a capacidade de carregar maior peso, ou uma pessoa atlética é capaz de disputar uma corrida, ao contrário da pessoa sedentária. Nesse contexto, muitas vezes são usadas as palavras “poder” e “força”, com sentido de habilidade ou faculdade. No entanto, saber como ter uma vida saudável não aumenta a saúde de ninguém, exceto quando passa a seguir as recomendações. O evangelho, desse modo, é uma condição necessária para Deus salvar, mas não é a condição suficiente, o qual é Deus, pois é quem aplica a salvação (o executor da salvação), não o apóstolo, o qual é outra condição necessária, como instrumento vivo. Esse entendimento tem um impacto direto na motivação do apóstolo, diante de adversidades contrárias aos seus desejos evangelísticos⁴⁹.

10. HABACUQUE: “O JUSTO VIVERÁ A PARTIR DA FÉ”

A Bíblia pode ser vista como uma pirâmide hermenêutica, tendo na base a Lei (Torá), em seguida, os Profetas e os Escritos, os quais dariam “o desenvolvimento objetivo da religião do Antigo Testamento, interpretando e aplicando a Lei aos seus dias para a nação de Israel”, e, no topo, há “o Novo Testamento, repousando, enraizando-se e dependendo de todo esse trabalho interpretativo, sendo ele mesmo uma interpretação da Lei, dos Profetas e dos Escritos”⁵⁰. Aliás, nos dois primeiros versículos já estava presente a declaração da conexão entre o evangelho e “as escrituras sagradas”. Desse modo, a carta aos romanos não deixa de conter uma interpretação apostólica de Habacuque. É preciso, assim, captar os temas em comum, recepcionados e interpretados pelo apóstolo.

Um tema principal em comum é a justiça de Deus. O profeta Habacuque, contemporâneo mais jovem do profeta Jeremias, vivia, entre 608 a.C. e 598 a.C., sob o reinado do perverso rei Joaquim, das tribos do sul, de Judá, cujos reis eram todos da descendência de Davi. E entre os judaítas, a etnia do sul, havia muita injustiça, incluindo opressão, contendas, entre outros, gerando uma situação geral de grande impunidade, conforme declara a primeira queixa do profeta a Deus: “Por esta causa, a lei se afrouxa, e a justiça nunca de manifesta, porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida” (1:4). Parece haver aqui um contexto geral de falência do sistema de justiça. E o profeta, assim, clamou por uma intervenção divina. A resposta, então, de Deus ao profeta foi a do povo de Judá ser dominado pelos “pavorosos e terríveis” babilônios (1:5-11), o que aconteceu em 586 a.C.. As tribos do norte, de Israel, já haviam sido levadas antes para o cativeiro da Babilônia em 722 a.C. pelo assírios, e o histórico anterior de sucessão dos seus reis, em grande parte, foi marcada por meios violentos.

Apesar de confiante em Deus – “ó SENHOR, meu Deus, ó meu Santo” (1:12) –, em sua soberania ao usar outro povo “para executar juízo” (1:12) e “servir de disciplina” (1:12), e em

⁴⁹ Apesar de ser plausível que a causa da motivação seja o fato de que a salvação seja algo melhor do que a sabedoria dos mais cultos ou o poder dos mais poderosos, conforme coloca Hendriksen (2011, p. 79), no entanto, não é o caso nessa passagem.

⁵⁰ (LOPES, 2004, p. 36, 37).



sua santidade, ao dizer, por exemplo, “puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar” (1:13), o profeta não deixa de entrar em aflição, e de levantar uma segunda queixa (1:13-2:1), em relação à justiça de Deus: “por que, pois, toleras os que procedem perfidamente e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?” (1:13). A resposta de Deus (2:2-20), então, não é concretamente histórica como a primeira, informando por qual razão, pessoa, maneira, momento e duração a justiça será aplicada, porém responde fazendo uma promessa de seu cumprimento (2:2-3), uma oposição entre o soberbo e o justo (2:4-5) e cinco ais proféticos contra o soberbo (2:6-19). Essa promessa “está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará” (2:3). Nessa oposição, o soberbo é identificado inicialmente como aquele cuja “alma não é reta”, enquanto o justo é aquele que “viverá a partir da fé”.

É comum, a muitos intérpretes, atribuir ao “soberbo” os babilônios que dominaram os judaítas, por causa da posterior punição pela qual passaram (é inclusive tentador fazer tal interpretação), contudo no contexto do próprio livro há uma queixa à injustiça primeiramente interna, a oposição é com o justo que vive a partir da fé e não com o justo que vive a partir da Lei, e após os babilônios, veio o domínio dos persas (538-330 a.C.), o domínio helenístico (330-166 a.C.), do hasmoneu (166-63 a.C.) e do romano (63 a.C. até os dias de Paulo em diante). Com base nesses pontos, é plausível afirmar que Paulo explorou, exatamente em sua hermenêutica, a generalidade dessa segunda resposta, a oposição com a fé e não com a Lei, e até a demora, evidenciada por tais períodos, dando, assim, uma nova continuidade, na carta aos romanos, no tema da justiça de Deus, renovando-o a partir do evangelho de Jesus, com novas perspectivas. Nesse sentido, a mensagem de Paulo, pelo menos neste capítulo, é dirigida primariamente aos judeus, não aos gentios, como muitos colocam⁵¹.

11. A ADEQUADA APLICAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS (*ORGE THEOU*)

A rigor a tradução para *orge* (*ὄργη*) é “ira”, mas quando se diz “ira de Deus”, há um problema cultural semelhante à tradução entre “escravo” e “servo”, porque geralmente está associado, principalmente na atualidade, a um sentimento ligado a coisas incertas ou instáveis como um ciúmes incontrolável, uma “paixão desenfreada”, raiva ou fúria. No entanto, alguém com ira era louvado eticamente quando a sentia “em função das razões certas, contra as pessoas certas, e também da maneira certa, no momento certo e pela duração certa”⁵². Inclusive, nessa situação, uma pessoa era chamada de brando, já que em relação à ira, a brandura era a observância de sua moderação, já que sua deficiência e seu excesso eram respectivamente uma espécie de não irascibilidade e uma espécie de irascibilidade. O primeiro extremo era “objeto de censura, uma vez que aqueles que não ficam irados com coisas ante as quais é

⁵¹ (HENDRIKSEN, 2011, p. 88-89) defende que são os gentios, apesar de reconhecer não haver tal menção explícita nem que os gentios fossem culpados igualmente dos vícios enumerados, porque os pecados catalogados são “muito mais característicos dos gentios do que do judeus”, como culto às imagens, as pessoas retratadas “derivam seu conhecimento de Deus não de uma revelação especial, mas da geral”, e no 2.1 há “uma transição para a discussão de outro grupo de pessoas, a saber, dos judeus”. Contudo todos esses pontos são questionáveis, porém não serão tratados aqui.

⁵² (ARISTÓTELES, 384 a.C.), livro IV, 1125b35.



certo tomar-se de ira são tidos como tolos”⁵³, e o último também “pois alguém pode ficar irado com as pessoas erradas, em função das coisas erradas, ou mais violentamente, ou mais rapidamente, ou durante mais tempo do que o certo”⁵⁴. E havia um comportamento ou tipo de pessoa bem conhecida para cada um desses erros, como, por exemplo, os insensíveis, que toleram o insulto aos amigos, os coléricos, que mergulham numa cólera com qualquer coisa, os rabugentos, que realimentam a ira e não deixam a dor do ressentimento ser substituída pelo prazer da obtenção da retificação, entre outros⁵⁵. Assim a ira enquanto virtude humana (a brandura) é o colocar no lugar do ressentimento o prazer da retificação de maneira moderada, mesmo que tal moderação não seja fácil de alcançar, pois “se trata de uma matéria de circunstâncias particulares”, logo o “que ultrapassa o limite apenas um pouco não é tido como censurável”⁵⁶. Por isso, em Tiago 1:20, “a ira do homem não opera a justiça de Deus”⁵⁷, e, em Efésios 4:26 “Irai-vos, e não falhai (nisto): o sol não se acumule como a capacidade que motiva (inicia, continua ou termina) vossa ira”⁵⁸. Logo a *orge* do homem não se compara com a *orge* de Deus. Assim a ira, por causa da injustiça, não seria plena e universalmente moderada ou adequada, “na terra” ou pelos homens, principalmente os “que tomam para si a verdade em injustiça”, como no relato em Habacuque, no qual “a lei se afrouxa, e a justiça nunca de manifesta” (1:4), mas “do céu”⁵⁹ ou “da parte do céu” (*ap’ ouranou, áp’ ouravou*).

12. O CONHECIMENTO COMUM DE DEUS (TO GNOSTON TOU THEOU)

Geralmente *gnoston* é traduzido como “o que se pode conhecer”, daí a expressão *to gnoston tou Theou* (*τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ*) ter a tradução “o que de Deus se pode conhecer”. No entanto essa palavra não trata de um conhecer geral, mas de um conhecer específico acessível ou comum a todos, bem diferente do conhecimento da justiça de Deus, revelado somente a partir do evangelho (antes inacessível a qualquer um). Por isso, logo em seguida, para o adjetivo *phaneron* (*φανερὸν*) se emprega comumente a tradução “manifesto” ou “claro”⁶⁰, pois é mais adequado do que usar o verbo *apokalyptetai* (*Ἀποκαλύπτεται*), traduzido por “é revelado”, utilizado antes no versículo 17. De fato, *apokalyptetai* se refere a algo tirado para fora do oculto, antes inacessível à visão, de qualquer um. Contudo o adjetivo *phaneron* nessa passagem se refere a algo manifesto ou claro, mas não evidente ou nato ao sujeito do conhecimento, pois é preciso o uso de um certo raciocínio, conforme contexto até o versículo 20. Assim a melhor inferência nesse caso é a ideia de evidência, razão pela qual se adota a tradução “evidenciado”. E da mesma forma, em seu respectivo verbo, no mesmo versículo, *ephaverosen* (*ἐφανερώσεν*), com a tradução “deixou evidências”. Desse modo, o conhecimento comum de Deus é um conhecimento evidenciado.

⁵³ *Ibidem*, livro IV, 1126a1-8.

⁵⁴ *Ibidem*, livro IV, 1126a8-15.

⁵⁵ *Ibidem*, livro IV, 1126a5-25.

⁵⁶ *Ibidem*, livro IV, 1126a35-1126b5.

⁵⁷ Expressão *η οργη του ανθρωπου* traduzida para “a ira do homem”.

⁵⁸ Tradução minha de “ὀργίζεσθε καὶ μὴ ἀμαρτάνετε:” ὁ ἥλιος μὴ ἐπιδυέτω ἐπὶ παροργισμῶ ὑμῶν.

⁵⁹ Hendriksen (2011, p. 89) entende o “céu” como o céu físico, por causa das pragas do Egito (Êxodo 6-12), das taças da ira (Apocalipse 16), entre outros, o que não é contraditório com a ideia da oposição com a justiça dos homens, que pode ser corrompida.

⁶⁰ (HENDRIKSEN, 2011, p. 91).



A seguinte ilustração pode esclarecer melhor a diferença entre evidência e evidente:

“A situação na qual se poderia dizer, com propriedade, que possuo evidências para afirmar que determinado animal é um porco é, por exemplo, aquela em que o próprio animal não está à vista, mas posso ver inúmeras pegadas semelhantes às de um porco nos arredores do local onde ele fica. Se encontro alguns galões de ração para porco, as evidências aumentam, e os ruídos e o cheiro podem fornecer mais indícios. Mas, se o animal aparece e se mostra plenamente visível, não há porque reunir mais indícios; o seu aparecimento não me fornece mais uma evidência de que se trata de um porco, agora posso simplesmente ver que é um desses animais, a questão está decidida”⁶¹.

13. CAPACIDADE ETERNA E ATIVIDADE DIVINA (*AIDIOS DYNAMIS KAI THEIOTES*) EVIDENCIADAS (*KATHORATAI*)

Em vez de traduções comuns semelhantes a “seu eterno poder e sua natureza divina”, foi adotada “capacidade eterna e atividade divina”, para *aidios dynamis kai theiotes* (*ἄιδιος δύναμις καὶ θεϊότης*), porque representam exatamente os dois lados da mesma moeda, já que o primeiro revela o aspecto de planejamento, enquanto o segundo revela o outro lado, do executor ou que anima conforme o plano – inclusive a ideia de animação era inerente ao que se entendia por divindade, na antiguidade grega. O que há, nesse caso, é algo semelhante ao que o oleiro planeja fazer ao barro (um vaso), para em seguida fazer o vaso, de modo que Deus é tanto capaz de planejar como de executar (habilidades invisíveis e inteligíveis).

A palavra *kathoratai* (*καθορᾶται*), traduzida para “são evidenciadas”, a rigor seria algo como “serem vistos do alto para baixo”⁶². Mas isso não é possível, no contexto em questão, isto é, não é possível observar ou passar pelo caminho natural, “desde a ordem fundamental às coisas formadas”. Desse modo, resta “ver” pelo caminho inverso, mas de modo inferencial (intelectual), pelas evidências, cuja ideia foi esclarecida antes. Assim com as evidências do conhecimento comum de Deus disponíveis, Paulo afirma o seu ponto principal: tornar indefensáveis os homens, que são impiedosos e injustos por motivos de tal inferência não ser realizável. De fato, há pessoas que se utilizam da Teoria da Evolução, principalmente a versão de Darwin, ou de suas variantes posteriores, com base na seleção natural e na mutação, para afirmar que um processo lento, gradual e não-guiado seria uma forte evidência contra a ideia de um Criador ou Planejador. Por isso, esta afirmação do ateu biólogo Richard Dawkins: “Penso igualmente que, antes de Darwin, o ateísmo até poderia ser logicamente sustentável, mas que só depois de Darwin é possível ser um ateu intelectualmente satisfeito”⁶³. Já outros enxergam a possibilidade de uma ação divina, nessa mesma teoria. Esses seriam os evolucionistas teístas, como é o caso do cientista geneticista Francis Collins, ex-diretor do Projeto Genoma Humano, em 2006⁶⁴. Além disso, há o Design Inteligente, uma ciência

⁶¹ (AUSTIN, 2004, p. 122).

⁶² Entendimento construído a partir da raiz do verbo “*horao*” (PABÓN, 1987, p. 431), com seu prefixo-preposição “*kata*”.

⁶³ (DAWKINS, 2003, p. 24-5).

⁶⁴ Autor de “A Linguagem de Deus” (COLLINS, 2007).



minimalista recente, voltada, não ao processo ou autor da criação, mas à detecção de planejamento inteligente na natureza, com base em certas noções, como o da complexidade irreduzível, desenvolvida a partir de 1996 pelo bioquímico Michael Behe⁶⁵, entre outras noções.

14. DESDE A ORDEM FUNDAMENTAL ÀS COISAS FORMADAS (APO KTISEOS KOSMOU TOIS POIEMASIN VOOUMENA)

Em geral, os tradutores preferem algo similar a “desde a criação do mundo” para *apo ktiseos kosmou* (ἀπὸ κτίσεως κόσμου), e “pelas coisas criadas” para *tois poiemasin vooumena* (τοῖς ποιήμασιν νοούμενα). Essas traduções já apresentam um compromisso muito forte com a ideia de criação, que foi desenvolvida pelo pensamento medieval⁶⁶, mas não pelo pensamento grego antigo. Por isso, foi adotada a ideia de fundação, bem comum do verbo em questão, *ktiseo* (κτίσσω), que admite “edificar”, “construir”, “fundar”, “colonizar”, “plantar”, entre outros⁶⁷. No entanto essas ideias não são necessariamente excludentes, já que a expressão descreve um caminho natural, dividido entre um momento anterior e um momento posterior, traduzidos respectivamente em “desde a ordem fundamental” e “às coisas formadas”, sob o domínio da “capacidade eterna e atividade divina” de Deus. Assim essa descrição é um recorte desenvolvido para fins de ser objeto de um caminho inverso intelectual: o da inferência, a partir de evidências⁶⁸. Já a ideia de criação poderia estar além (não necessariamente contrária) dessa investigação inferencial. Além disso, outra tradução plausível, até mais explícita da divisão dos momentos, desse caminho natural, poderia ser “desde a ordem em situação de fundamento à ordem em situação de coisas formadas”, já que *ktiseos* está qualificando *kosmou*.

15. SEM SÍNTESE (ASUNETOS) FIZERAM-SE DE TOLOS (EMORANTHESAN)

Geralmente para *asunetos* (ἀσύνετος), a tradução é “tolo” ou “insensato”, no entanto a palavra está conectada com o contexto do conhecimento comum de Deus, envolvendo as ideias de evidência e inferência. A rigor a palavra pode ser traduzida para “sem síntese” ou “sem inteligência”, mas a primeira opção é bem melhor, porque capta o que não está sendo feito com as evidências: juntá-las de modo a chegar numa conclusão. A síntese é o contrário da análise, já que a primeira junta os fatos, enquanto a segunda os separa, quando tudo parece uma coisa só. Assim pela falta de síntese das evidências, chegaram a um coração escurecido. Aliás, essa imagem de escuridão no coração é semelhante à imagem da cegueira do “olho da alma” na ética aristotélica: “tal como um homem de vigorosa constituição física que perdeu a

⁶⁵ (BEHE, 1997).

⁶⁶ Vide nota 23.

⁶⁷ (PABÓN, 1987, p. 358).

⁶⁸ Como Hendriksen (2011, p. 92, 93) não faz uma distinção entre “evidente” e “evidência”, inclusive ao fazer uso dessas palavras, então acaba defendendo a ideia de que no versículo 20 há um paradoxo quando “os atributos invisíveis (...) são vistos claramente”.



visão sofre graves quedas quando se põe a andar porque está incapacitado de ver, o mesmo sucede no âmbito moral”⁶⁹. Não se trata estritamente de uma questão teórica, mas de uma virtude intelectualmente prática, pois o ponto não é a dificuldade de entender as evidências, porém de as não ignorar, o que é bem próprio de todo sábio. No entanto, ao ignorarem examinar as evidências, e professando serem sábios, acabaram fazendo papel de tolos.

16. A GLÓRIA DE DEUS (*DOXAN THEOU*)

A palavra *doxan* (*δόξαν*), traduzida por “glória”, no pensamento grego, tem um forte sentido de reputação ou mérito, devido a alguém por seus feitos⁷⁰. E exatamente é o que se está falando na passagem em questão, em função das formações das coisas, as quais só são devidas a uma capacidade eterna e uma atividade divina, exclusivas, por conseguinte, a Deus. No entanto, os homens ignoraram as devidas evidências, e caíram num politeísmo de variadas formas, dando, no sentido ética da ação, a glória a certos animais, racionais e até irracionais de todo tipo. Interessante é notar, nesse ponto, a passagem do monoteísmo ao politeísmo, não o contrário como popularmente é conhecido, como na tese evolutiva do monoteísmo recente de Frazer, o qual “advoga que as religiões evoluíram do animismo para o politeísmo, e deste para o henoteísmo e, finalmente, chegando ao monoteísmo”. Mas, segundo Geisler, essa tese “sobre a religião está baseada em várias suposições sem provas”, “não se baseia em uma confiável procura histórica e cronológica para as origens do monoteísmo”, porém num “uso seletivo e anedótico de fontes antiquadas”, enfim, sem fundamento por várias razões, segundo o autor⁷¹. Além disso, essa natureza ética da glória de Deus se harmoniza diretamente com o verbo *edoxasan* (*ἐδόξασαν*), traduzido para “glorificaram”, por derivação da mesma raiz, e pessoalmente com o verbo *eucharistesan* (*εὐχαρίστησαν*), traduzido para “agradeceram”, no versículo 21 (“não glorificaram nem agradeceram”). Esse modo pessoal é o que diferencia agradecer de glorificar, pois ambos são um reconhecimento do mérito do outro pelos seus feitos, no entanto o agradecimento é um reconhecimento dos feitos que lhe afetam pessoalmente. Desse modo, em um contexto impessoal de justiça, o outro é glorificado, já particularmente, ao outro se agradece.

Romanos 1:24-32

[24] Portanto Deus os **concedeu** para (os cuidados da) impureza, quanto aos **valores** de seus corações, (como a) **de alguém a desvalorizar** seus próprios corpos, [25] os quais trocaram **fundamentalmente** a verdade de Deus em **fingimento** (de Deus), **isto é**, adoraram e serviram **ao fundamentado em vez de quem fundamentou**, o qual é **verdadeiramente a razão que bem fundamenta** (naturalmente todas) as **eras**. [26] Por causa disto, Deus os **concedeu** para (os cuidados de uma) **experiente habilidade de desvalorização**, pois inclusive suas mulheres trocaram **fundamentalmente** (desde os valores) a **intimidade** natural em algo contra o natural, [27] como

⁶⁹ (ARISTÓTELES, 384 a.C., p. 198), 1144b10-14.

⁷⁰ Hendriksen (2011, p. 98) reconhece em nota os sentidos de reputação ou dignidade, porém adota a definição de “perfeição e esplendor absolutos de Deus, a soma total de todos os seus portentosos atributos”. No entanto, o contexto principal da passagem é a responsabilidade de Deus perante a justiça, e o mesmo o argumento em torno da responsabilidade pelo cosmos está subordinado ao contexto de justiça.

⁷¹ (GEISLER).



também semelhantemente as (pessoas) do **sexo masculino**, (isto é) os que deixaram a **intimidade** natural com as (pessoas) do **sexo feminino**, **passaram a ter atração** uns pelos outros, (pessoas) do **sexo masculino** com (pessoas) do **sexo masculino**, sendo (então) **penalizados com uma desfiguração (no corpo), resultante de (tal) prática, como** uma recompensa, a qual era necessário de (tal caminho) errante deles. [28] E do modo como não **examinaram** (as evidências) (para) **ter com propriedade o conhecimento comum** de Deus, Deus os **concedeu** (aos cuidados de) uma **mentalidade que não examina fazer coisas que não são apropriadas**, [29] **que** (os) **enchem de toda** injustiça, astúcia, cobiça, maldade; cheios de inveja, de homicídio, de contenda, de engano, (fazem coisas como os) maldosos, caluniadores, [30] difamadores, odiadores de Deus, insolentes, arrogantes, **fanfarrões**, inventores de males, desobedientes aos pais, **sem síntese**, [31] **discordantes, sem intimidade natural**, impiedosos. [32] Esses **tendo com propriedade o conhecimento comum do julgamento de Deus**, de que os praticantes de tais coisas são merecedores da morte, não só fazem, porém, de outro modo, também **dão o consentimento** aos que praticam tais coisas.

17. DEUS OS CONCEDEU (PAREDOKEN AUTOUS O THEOS) PARA IMPUREZA (EIS AKATHARSIAN)

O verbo *paredoken* (*παρέδωκεν*) é comumente traduzido para “entregou”, contudo há um contexto de concessão, que dificilmente é percebido por essas traduções. Esse verbo é utilizado em situações semelhantes a estas sentenças: “O pai entregou sua filha aos cuidados de outro homem, em razão do seu desejo de ser marido”; “O líder entregou seu povo aos cuidados do conquistador, em razão do seu direito de conquista”. Nesses exemplos, o verbo apresenta uma mesma estrutura de um cedente (quem faz a cessão), de um cessionário (quem recebe a cessão), do objeto da cessão e da razão ou finalidade da cessão. Uma vez não havendo mais essa razão, a concessão acaba. No caso em questão, Deus é o cedente, os homens são, ao mesmo tempo, o cessionário e o objeto de cessão e os valores impuros, que dominam os corações desses homens, são a razão. Entretanto a razão aqui não é uma razão primária, que partiu de Deus, mas que foi ao encontro da razão do outro, por isso a tradução por “ceder” é melhor nessa situação do que “entregar” ou “dar”. Aliás, a preposição *para* (*παρὰ*) como prefixo do verbo *didomi* (*δίδωμι*), formando *paradidomi* (*παραδίδωμι*), reforça um entregar ou dar “ao encontro de” ou “ao lado de”, “contra”⁷² uma razão própria, cedendo à razão do outro, “con-cedendo” ou “contra-cedendo”. Além disso, foi feita uma inversão na oração, entre os trechos traduzidos “para impureza” e “quanto aos valores de seus corações”, que não prejudica o sentido da oração, mas na ordem da leitura deixa claro quem é o cessionário, antes da razão da cessão.

Ao final do versículo, não foi omitida a tradução de *tou* (*τοῦ*) por “de alguém”, o que geralmente ocorre. Essa palavra é adotada como pronome genitivo de *tis* (*τις*), não como artigo genitivo (talvez a razão das omissões). Esse pronome é importante para complementar,

⁷² (JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS, 2014, p. 712).



de modo exemplificativo, o que o autor disse antes a respeito dos valores impuros do coração. Sem esse pronome, parece que a impureza se restringe a apenas um tipo de situação.

18. VALORES DE SEUS CORAÇÕES, DE ALGUÉM A DESVALORIZAR (*EPITHYMIAS TON KARDON AUTON, TOU ATIMAZESTHAI*)

A variação de traduções é grande em torno do substantivo *epithymiais* (ἐπιθυμίας): “concupiscências”, “impureza sexual”, “desejos” ou “desejos pecaminosos”. Já para o verbo no infinitivo *atimazesthai* (ἀτιμάζεσθαι), de mesma raiz, há a variação entre “desonrar” e “degradar”. Essa mesma raiz está presente inteiramente no adjetivo *timios* (τίμιος), que é traduzido como “de valor” ou “valioso”. Outra palavra, com um prefixo diferente, mas de mesma raiz, também aparece no versículo 26 adiante, como o substantivo *atimias* (ἀτιμίας). Todas elas se encaixam nesse mesmo contexto de valor. Assim no primeiro caso, de *epithymiais*, o prefixo *epi* (ἐπι) pode acrescentar um sentido de motivo, tornando plausível adotá-lo como “valores que motivam as ações”. Logo, no segundo caso, de uma simples oposição, adota-se *atimazesthai* como “desvalorizar-se”.

19. TROCARAM FUNDAMENTALMENTE A VERDADE (*METELLAXAN TEN ALETHEIAN*) EM FINGIMENTO (*EN TO PSEUDEI*)

Nesse versículo, há três orações conectadas sob a mesma ideia de fundamento, razão pela qual se escolheu manter as redundâncias. Isso não é possível de ver com as traduções comuns. Na primeira oração, o verbo *metellaxan* (μετήλλαξαν), traduzido geralmente para “trocaram”, já foi utilizado antes, no versículo 23, com *ellaxan* (ἔλλαξαν), porém sem o prefixo *meta* (μετα). Nos dois casos, os tradutores geralmente escolhem a mesma tradução, no entanto, o prefixo adiciona o sentido “além de”, pois, de fato, não é mais possível falar de uma troca em que o homem é responsável diretamente, ||| como a ação ética de trocar o mérito (a glória) de Deus imortal em semelhança da imagem de mortal. Além disso, esse sentido está também conectado com o restante do versículo, principalmente com essa ideia de fundamento, através de mais três palavras: *ktisei* (κτίσει), traduzido para “fundamentado”, *ktisanta* (κτίσαντα), traduzido para “quem fundamentou” e *eulogetos* (εὐλογητός), traduzido para “razão que bem fundamenta”. Essas duas primeiras palavras apresentam a mesma raiz, assim como outra, já apresentada antes, no versículo 20, *ktiseos* (κτίσεως), traduzido para “fundamental” – é possível, aliás, estabelecer um contexto maior com essa mesma ideia. Por isso, na primeira oração, foi adicionado o advérbio “fundamentalmente”. Já na segunda oração, por sua vez, novamente se evitou o compromisso com o pensamento medieval⁷³, que geralmente é responsável por traduções similares a “criatura em vez do Criador”. Por fim, na terceira oração, o adjetivo *eulogetos* (εὐλογητός), exercendo a função de predicativo do sujeito, tem a raiz similar ao substantivo *eulogon* (εὐλογόν)⁷⁴, que pode ter o sentido de “razão

⁷³ Vide nota 23.

⁷⁴ (PABÓN, 1987, p. 265).



que bem fundamenta” (as explicações, num contexto de discurso, ou as coisas, num contexto natural), em oposição a outros tipos de razões, em vez da tradução comum de “bendito”, o qual é possível, mas com o sentido de alguém que “fala bem” ou “apresenta bem sua razão”, não o de alguém do qual se fala bem. Logo, isoladamente, sem fazer alusão a tal oposição, em vez de *eulogeton* poderia aparecer *logon* (λογόν), com sentido similar, como em João 1. Assim quando se pensar “Deus bendito” ou “benção de Deus” pode se pensar Deus como a verdadeira razão que bem fundamenta naturalmente as coisas. E a palavra *amen* (ἀμήν), na última oração, geralmente traduzida para “Amém”, geralmente entendido como uma doxologia, de ação de graças, conforme costume judaico, no entanto, acaba melhor se encaixando como um advérbio (uma possibilidade para tal palavra), traduzido para “verdadeiramente”, completando assim o sentido de *aletheian* (“verdade”) dito na primeira oração, do versículo, em oposição à falsa confiança em algo fundamentado que finge ser o próprio fundador. Aliás, aqui pode estar implícita outra ligação com Habacuque, especificamente em 2:18-19, quanto aos que confiam naquilo que é representado pela “imagem de fundição”, que finge ter o valor de quem atende as preces, “coberto de ouro e prata, mas, no seu interior, não há fôlego nenhum”. Nesse sentido, a tradução de *pseudei* (ψεύδει) é mais adequada para “fingimento” em vez de “mentira” ou “falsidade”, pois não é bem uma oposição contraditória ou direta, entre o que é verdadeiro e o que não é verdadeiro, ou melhor, entre o que é de Deus e o que não é de Deus, mas entre o que é de Deus e o que é de não-Deus.

20. EXPERIENTE HABILIDADE DE DESVALORIZAÇÃO (*PATHE ATIMIAS*)

Novamente o verbo *paredoken* (παρέδωκεν) aparece aqui. Esse verbo, traduzido para “concedeu” em vez de “entregou”, já foi comentado antes. A diferença agora é que em vez de conceder aos cuidados da “impureza”, coloca-se *pathe atimias* (πάθη ἀτιμίας), que geralmente é traduzido para algo similar a “paixões vergonhosas”. No entanto, enquanto no primeiro caso se refere a valores impuros do coração, que motivam a cometer atos de desvalorização dos próprios corpos, no segundo caso, essa situação se agrava, ao ponto de se consolidar em uma habilidade, adquirida com uma certa experiência, guiada por tais valores. Tal experiência, sob a palavra *pathe*, no contexto da retórica, estava ligada a uma competência em convencer sensivelmente os outros, via apelo aos elementos emocionais do público. No caso em questão, tal habilidade alcançou as esposas, ao ponto de mudarem sua intimidade natural, não meramente ao nível dos atos, porém antes, em algo fundamental: nos valores. E novamente o verbo *metellaxan* (μετήλλαξαν) surge aqui para reforçar essa desvalorização das mulheres, nesse nível do mau desenvolvimento ético.

21. PENALIZADOS COM UMA DESFIGURAÇÃO (*APOLAMBANONTES TEN ASCHEMOSYENEN*)

Há vários problemas no versículo 27. Os problemas menores são a escolha comum de *arsenes* (ἄρσενες) por “homens” em vez de “os do sexo masculino”, de *theleias* (θηλείας) por “mulheres” em vez de “as do sexo feminino”, de *chresin* (χρησιν) por “uso” em vez de



“intimidade” (também no versículo 26), e de *exekauthesan en te orexei* (ἐξεκαύθησαν ἐν τῇ ὀρέξει) por algo similar a “arderam em desejos” em vez de “passaram a ter atração sexual”. Todos esses pontos estão conectados a um contexto sexual, por isso a tradução “uso” empobrece o sentido, quando é possível utilizar “intimidade” para *chresin*. Já a escolha por “homens” e “mulheres”, por sua vez, pode envolver várias diferenças que não estão em foco no momento, que é a diferença sexual. E a última expressão, “passaram a ter atração sexual”, fecha esse sentido restrito à sexualidade⁷⁵. Já os problemas maiores envolvem o restante do versículo 27. Um primeiro problema maior é a tradução literal de *en autois apolambanontes* (ἐν αὐτοῖς ἀπολαμβάνοντες) por “recebendo em si mesmos”, em vez de “sendo penalizados”, já que adiante, no versículo, esse recebimento tem um caráter de recompensa por algo errado, logo não estão meramente recebendo alguma coisa. E a presença do prefixo *apo* (ἀπο) justifica uma oposição ao receber, isto é, recebendo algo indesejado, a saber, a pena. Um segundo problema, o maior, é a tradução de *aschemosynen katergazomenoi* (ἀσχημοσύνην κατεργαζόμενοι), geralmente para algo semelhante a “cometendo indecência”, em vez de “uma desfiguração resultante de prática”. Essa tradução comum acaba perdendo a ligação com a ideia de recompensa, talvez consequência da tradução da conjunção *kai* por “e” (mera ligação) em vez de “como”, que, no contexto desse versículo, tem o sentido de uma ligação de igualdade, algo semelhante de “e como” – até para não pensar que se trata de uma penalidade da justiça de Deus, porém mais uma consequência natural, antes de tal penalidade. Isso resgata a função própria de participio da *katergazomenoi* (“resultante de prática”), conectado ao acusativo *aschemosynen* do verbo *apolambanontes* (“sendo penalizados”) e não desse participio, como se fosse (inadequadamente) o verbo principal de uma oração. Por fim, para *aschemosynen* a melhor solução foi “desfiguração”, por causa dos sentidos das palavras *schema* (σχῆμα) (“esquema”, “forma”, “figura”), *synes* (σύνης) (soma, corpo) e *euschemosynes* (εὐσχημοσύνης) (beleza, bem formado). Essas duas primeiras palavras formam a palavra *a-schemo-synen* (ἀ-σχημο-σύνην) sem o prefixo, e *euschemosynes* é a sua oposição, conforme presente, por exemplo, em Platão⁷⁶.

22. DEUS OS CONCEDEU A UMA MENTALIDADE QUE NÃO EXAMINA (PAREDOKEN AUTOUS HO THEOS EIS ADOKIMON NOUN)

Novamente o verbo *paredoken* (παρέδωκεν) aparece aqui. Esse verbo, traduzido para “concedeu” em vez de “entregou”, já foi comentando antes. Nesse contexto, acrescenta outra concessão, agora relacionada com um vício, relacionado com o exame das evidências, através das palavras *edokimasan* (ἐδοκίμασαν) e *adokimon* (ἀδόκιμον), e com o conhecimento comum de Deus, através da palavra *epignosei* (ἐπιγνώσει). As ideias de evidência e conhecimento comum já foram comentadas antes, porém *epignosei*, traduzido comumente para “conhecimento”, também foi apresentada antes, em outros formatos, nos versículos 19 e 21, respectivamente como *gnoston* (γνώστων) (“conhecimento comum”) e *gnontes* (γνόντες) (“tendo o conhecimento comum”). Em razão disso, adota-se a tradução “ter com propriedade

⁷⁵ Hendriksen (2011, p. 102) também revela a preocupação com o sentido original da diferença sexual, ao preferir “macho” e “fêmea” em vez de “homem” e “mulher”.

⁷⁶ (PLATÃO, 380 a.C.), 3 400c, 401a.



conhecimento comum” do que “ter conhecimento”, isto é, ter uma autoridade de tal conhecimento, em função do prefixo *epi* (ἐπι). Nesse sentido, *edokimasan* e *adokimon* se encaixam melhor respectivamente com as traduções “examinaram” e “que não examina”.

23. TENDO COM PROPRIEDADE CONHECIMENTO COMUM DO JULGAMENTO DE DEUS (TO DIKAIOMA TOU THEOU EPIGNONTES)

Geralmente do verbo *epignontes* (ἐπιγινόντες) a tradução é similar a “conhecendo”, no entanto, esse verbo tem um sentido bem específico, pelo o que já foi apresentado antes. Há o seu respectivo substantivo *gnoston* (γνωστόν) (“conhecimento comum”), no versículo 19, bem como os verbos *gínontes* (“tendo o conhecimento comum”) e *ἐπιγνώσει* (“ter com propriedade conhecimento comum”), respectivamente nos versículos 21 e 28. Além disso, todos esses estão ligados a uma ideia de fácil conhecimento, por meio de evidências, conforme já comentado antes.

CONCLUSÃO

Certamente como uma tradução inicial, por não ter havido as traduções dos capítulos posteriores, ainda pode passar por certas correções, entretanto já pode ser utilizado como um trabalho fundamental para rever não apenas traduções comuns de capítulos seguintes, como de suas respectivas análises teológicas, especialmente por revelar assuntos implícitos, e mostrar uma nova perspectiva de temas bastante conhecidos. Também não deixa de ser um comentário embrionário, por não ter havido uma investigação comparada com outros comentadores, no entanto foi adotada como referência crítica um comentário bem consolidado e conhecido pela literatura cristã protestante.

Por falta de espaço, não foi feita uma síntese do capítulo, a partir dos temas comentados, nem uma análise teológica, muito menos comparativa, com um ou mais sistemas ou doutrinas teológicas conhecidas. No entanto, dentre os novos temas apresentadas, vale destacar finalmente a ideia grega do instrumento vivo, da vocação e do servir do apostolado de Paulo, a ideia moderna, mas não nova, do modelo efetivo da humanidade, para o nascimento de Jesus, a imagem implícita do batismo final de Jesus, a ideia grega de mundo como organização e não totalização, a adequada aplicação da justiça de Deus, bem como sua capacidade eterna e atividade divina conjuntamente na formação do mundo, acessíveis por um conhecimento comum, baseado na mútua ideia de evidência e inferência, o caráter ético da glória de Deus, a concessão de Deus, e a ideia de fundamento presente na depravação ética, quanto aos aspectos sexual e teológico.



BIBLIOGRAFIA

- Perseus Digital Library. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>. Acesso em: 25 out. 2016.
- ANGIONI, L. Phronesis e virtude do caráter em Aristóteles: comentários a Ética a Nicômaco VI. Dissertatio, p. 303-345, 2011.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Edson Bini. 3. ed. [S.l.]: Edipro, 384 a.C.
- AUSTIN, J. L. Sentido e Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BEHE, M. A Caixa Preta de Darwin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- COLLINS, F. A Linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe. São Paulo: Livraria Cultura, 2007.
- DAWKINS, R. O relojoeiro cego. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GEISLER, L. N. Monoteísmo Primitivo - Um debate sobre sua origem. Instituto Cristão de Pesquisas. Disponível em: <<http://www.icp.com.br/novo/54materia2.asp>>. Acesso em: 03 fev. 2014.
- GEORGE, T. Teologia dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- GINGRICH, F. W. Léxico do Novo Testamento Grego/Português. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.
- HENDRIKSEN, W. Comentário do Novo Testamento: Romanos. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- HESÍODO. Teogonia: A Origem dos Deuses. Tradução de Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: ILUMINURAS, 1995.
- JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. Aprendendo Grego. 2. ed. São Paulo: Odysseus, 2014.
- LOPES, A. N. A Bíblia e seus intérpretes - uma breve história da interpretação. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- MONTANARI, T. Embriologia: texto, atlas e roteiro de aulas práticas, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/livrodeembrio/>>.
- PABÓN, J. M. Dicionario Manual Griego - Griego Clásico-Español. [S.l.]: Vox, 1987.
- PLATÃO. República. [S.l.]: [s.n.], 380 a.C.
- STRONG, J. Strong's Hebrew: 5650. Bible Hub: Online Bible Study Suite, 01 jan. 2004. Disponível em: <<http://biblehub.com/hebrew/5650.htm>>. Acesso em: 25 out. 2016.
- VERNANT, J.-P. As Origens do Pensamento Grego. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- VIDAL, J. F.; PASQUOTTO, L. F. K. Tertuliano: Apologia. The Tertullian Project, 2001. Disponível em: <<http://www.tertullian.org/brazilian/apologia.html>>. Acesso em: 03 mar. 2015.
- WESTCOTT, B. F.; HORT, F. J. A. The New Testament in the original Greek. New York: [s.n.], 1885.

Recebido em: 19/02/2017
Aprovado em: 31/05/2017